

A Pulga (50')

Passo Livre/Galeria Olido/Sala Paissandu

A Pulga, da *Passo Livre Cia. de Dança*, propõe um espetáculo que reúne dança e uma instalação, em busca de espaço cênico construído em várias perspectivas, o espaço sendo fator preponderante para a estrutura específica desta coreografia. Ou seja, o espaço arquitetônico-cênico traz contornos à dança realizada

A resolução da proposta se apresenta enxuta e sofisticada, pela interessante resolução entre elementos cênicos, figurinos, trilha sonora e cenário/instalação/telão-multimídia por sobre o qual são projetadas imagens.

Há um bom resultado no amálgama entre estes componentes e no uso das ambiências que criam, apontando-se para uma criteriosa pesquisa sobre tema/assunto (e o período elisabetano) de origem da obra – um poema homônimo do inglês John Donne (1572-1631), “A Pulga”.

O poema trata de um inseto para, a partir de um não convencional uso de metáforas, como a presente na frase - “uma pulga mordendo dois amantes”- construir-se abordagem sobre questões sensuais, mediante elegias eróticas inusitadas.

Sobre as metáforas de Donne, a *Passo Livre* escreve suas metáforas coreográficas, encadeadas em obra de temática também pouco usual, mas talvez de bom apelo popular, caso o espetáculo seguisse temporada em espaços de público não familiarizado com criações contemporâneas.

Este acede ao espetáculo pelo palco e nele permanece observando uma bailarina dançando sobre colchão branco. Vislumbra-se a platéia vazia por entre a instalação, que neste momento, servindo de ciclorama para a dança, também serve de espaço para evolução dos outros três intérpretes circulam.

Há uma ambiência, construída pela trilha e escolha acertada dos figurinos, que remete ao século XVII, acentuando-se ainda mais as ligações com o poema de Donne. Trata-se de citações, também inscritas em movimentos amaneirados, que escapam aqui e lá da escritura coreográfica como um todo.

Através dela, o elenco evolui de maneira desigual. Há diferenças na qualidade das performances, cabendo às duas mulheres a maior força expressiva do que está sendo proposto. Estas diferenças se apagam quando se realizam danças de conjunto, em movimentos ralentados, que produzem imagens de “instalações corporais” sobre o colchão. Há ainda, citações divertidas, dançadas por todo o elenco, quando de uma delicada “caça às pulgas” entre todos.

Nestes momentos, a escolha parece ser mais a de um ritual contemporâneo a partir de traços de danças ancestrais ao balé (dança de corte ou/e bale de corte?), opção que não se aprofunda no decorrer da obra.

A “pulga” enquanto ser vivo de espécie específica, torna-se presente em intervalo onde os intérpretes nos trazem informações sobre sua existência – anatomia, fisiologia, etc.

Neste momento, assistimos a uma inversão do que vinha se apresentando, dados científicos dando lugar à poesia em forma de carne.

A função deste trecho do espetáculo aponta para uma ironia em relação ao relatado, mas fica-se sem certeza do que se deseja com a enunciação desta espécie de “libreto informativo” sobre o bicho que nomeia a obra.

É o momento em que paramos para refletir nos motivos da eleição deste tema pelas diretoras-coreógrafas da companhia – Eliana e Sofia Cavalcante.

De onde surge esta pulga? O que se quer discutir a partir dela? Certamente não são as informações sobre anatomia e fisiologia, mas os climas advindos de um poema singular, em seu tempo e nos dias de hoje.

A obra remete às questões da intimidade, higiene, contato íntimo todos e em duplas, em discussões que ao longo do tempo vão mudando de coloração, posto sabermos que os padrões de limpeza, assepsia, sujeira e lixo terem sido valorados de maneira diferente ao longo dos tempos.

Para pouco falar, temos a mudança dos modelos medievais, que paulatinamente, a partir da idade moderna vão transformando as sensibilidades em direção a modelos de limpeza/saúde diferentes do medievo, quando, por exemplo, os fluidos vertidos do corpo humano, são ainda considerados parte integrante e natural de nossos corpos (sagrados posto receptáculos de nossas almas).

A *pulga* recoloca, à sua maneira, esta discussão em curso, sobretudo na primeira parte do espetáculo.

Quando somos convidados a atravessar a instalação para observá-la desde a platéia, descortina-se outra possibilidade de se assistir à obra. Nela, temos duos, trios e quartetos que ressaltam as mesmas fragilidades de parte do elenco, à distância mais evidentes, tornando este trecho da coreografia menos interessante do que a sua primeira metade.

Paralelamente à dança, temos uma intervenção de um artista, convidado para pontualmente atuar a cada récita da obra. No espetáculo assistido tal intervenção ficou a cargo de Fábio Villardi, moderno intérprete da cena paulistana, atuando por detrás dos painéis em ações mais acentuadamente teatrais, como que demarcando paredes e solo do palco com seu corpo e jornais.

Apesar de interessante, a proposta da inserção deste trabalho não resta muito clara, a não ser pelo que se pode estabelecer, por contraste, com o todo do apresentado.

Finalmente, sobre os painéis da instalação inicia-se a projeção de imagens, dentre elas, traçados que parecem ser excertos da notação *Beauchamp-Feuillet*, desenvolvida, também no século XVII, por Raoul Feuillet (c. 1653-1709) na obra *Chorégraphie, ou l'art de d'écrire la danse* (1700). A elas se sucedem imagens tomadas do público, quando este, em fila de espera para entrar no teatro, aguardava o início da obra.

Grafias da dança e grafias dos corpos de um público contemporâneo (seus rostos em “escritura DVD”), sucedem-se neste momento, apontando, neste caso de maneira experimental, para uma nova interseção público/artistas.

A Passo Livre Cia. de Dança, ora ocupando sede própria – o Espaço Cariris, pauta sua trajetória pro obras às quais subjaz forte investimento em experimentalismo e em pesquisas aprofundadas. O espetáculo *A pulga* faz parte destas opções históricas, trabalhando-se com humor um tema inusitado, de um frescor surpreendente.

É possível que esta escolha não tenha se repetido alhures, e aponta para os interesse das criadoras da obra, que ao discutir este tema, à maneira de sua dança, avançam em seu labor moderno-contemporâneo na arte desta cidade.